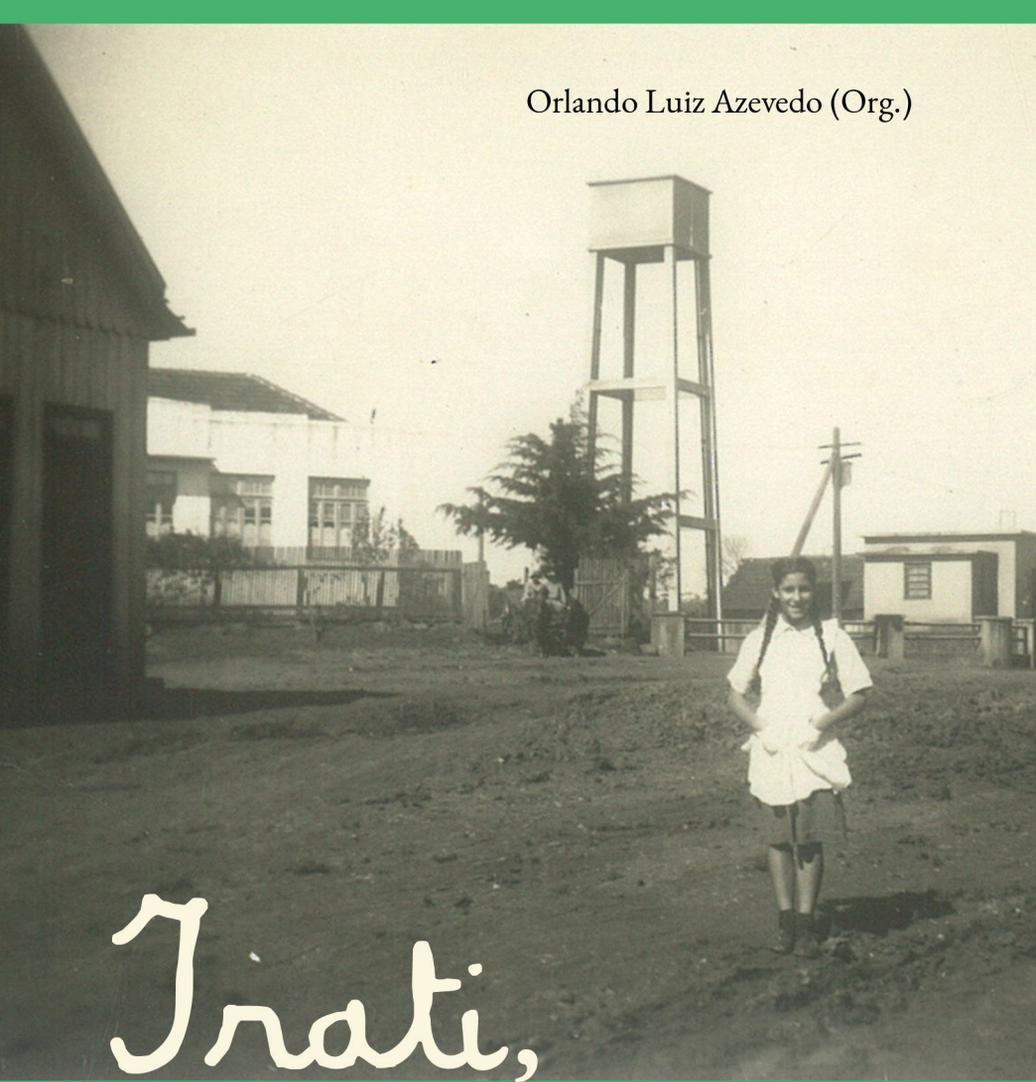


Orlando Luiz Azevedo (Org.)



Trati,

nossas  
memórias

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

*Trati,*  
**nossas  
memórias**



Orlando Luiz Azevedo (Org.)

Trati,

**nossas  
memórias**

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

© Orlando Luiz Azevedo

Editora Recanto das Letras  
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira  
Revisão do texto: Maciel Salles  
Capa: Simone Bittencourt Azevedo  
Diagramação: Michael Douglas  
Imagens: acervo do autor  
1ª edição – novembro de 2020

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Irati, nossas memórias / organização de Orlando Luiz Azevedo. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2020.  
280 p.

ISBN: 978-65-86751-21-5

1. Irati(PR) - História 2. Irati(PR) - Crônicas I. Título

20-2361

CDD 981.62

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Irati(PR) - História

Meus sinceros agradecimentos a:  
Simone, por aplicar seus conhecimentos e  
dedicação a cada capítulo deste livro;  
Cecília, Marcelo e Daniele, pelo apoio e incentivo  
para organizar esta coletânea de memórias.



# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	13
---------------------------	----

## **Elenice Chudek Koppe**

A saga de cinco professoras guerreiras em busca de um diploma .....	15
Anjos gigantes e solidários .....	26
Matrimônio .....	29
Amo meus antepassados .....	31
Clube Atlético União Olímpico! .....	33
Dia das crianças .....	35
Debutante .....	38
A primeira grande enchente de Irati .....	40
Pioneirismo .....	43
“Por onde eu for, quero ser seu par” .....	45
O primeiro emprego nunca se esquece .....	47

## **Doriane Ledesma**

Irati, 1946 .....	50
Um armazém chamado Broday .....	51
Meu avô Paulo .....	52
Minha casa antiga .....	54
Desfile do cinquentenário .....	56
O desaparecimento .....	57
Dia 7 de Setembro .....	59
C.A.U.O .....	61
Minha mãe Luíza .....	63

As professoras do Duque .....	64
Eu, sinhazinha .....	65
Thoms & Benato .....	66

### **Orlando Luiz Azevedo**

A casa do vô Matheus .....	69
O Irati dos tempos da minha mãe Victória Azevedo .....	76
Viajando com meu pai .....	80
Um conto de Natal .....	86
Alemães do Volga .....	90
Armazém São Pedro .....	92
O raio da morte .....	96
Anos dourados .....	99
Anos 60 .....	102
A Discomania .....	106
Viagens de numerário .....	108
Nosso rio das Antas .....	111
Sou do tempo .....	113

### **Dagoberto Waydzik**

Os bairros de Irati .....	118
Chico, bela figura de Irati .....	130
Construtores de Irati .....	131
O famoso Clube 7 .....	133

### **Herculano Batista Neto**

O passageiro do tempo .....	136
Meus avós polacos .....	148
Minhas serestas .....	152
Por que amo Irati? .....	156

## **Leda Mara G. de Oliveira**

A história do meu avô materno .....	158
Casa de sonhos .....	163
Espelhos da vida .....	165
Fragmentos .....	166
Nhá Jesus .....	168
O acidente de vovô .....	169
Olhinhos azuis .....	172
Televizinhos .....	174
1969 – 1970 .....	177
A mudança para Curitiba .....	180
A biblioteca .....	182
Eva Gamarra dos Anjos .....	184

## **Julio Bronislavski**

Era uma vez Irati .....	188
-------------------------	-----

## **Miriam de Oliveira Vargas**

À sombra do pessegueiro .....	193
“Agradeço ao café Irati e às palmas do auditório” .....	196
Catando lenha .....	199
Causos e prócias .....	201
Como é doce e belo nascer em Irati .....	204
Farmácia Pessoa .....	206
Gente humilde .....	209
No recôndito da alma .....	213
O barracão do Aleixo .....	218
O susto do poção .....	220
Profissão telefonista .....	222
Uma abelhinha de Irati .....	224

## **Elizabeth Krinski Beraldo**

A praça .....	227
Arroio dos Pereiras .....	228
Brincadeira colorida .....	229
Casa Rosa, 56 .....	230
Era ao entardecer .....	231
Lembranças .....	232
Mãe universal .....	233
Máquina de costura .....	234
O galho verde .....	235
Glossário .....	236
O Griot .....	237
Trem maria-fumaça .....	238
O caminhoneiro e seu FNM .....	240

## **Maria Hawreszko Molossi**

Cidade do interior .....	242
--------------------------	-----

## **Caterina Balsano Gaioski**

Raças, cores e sabores .....	246
------------------------------	-----

## **Célia Terezinha Neves Vieira**

Um balde de brasas .....	248
Canto verso .....	249
Chimarrão .....	250
Seresteiro .....	251

## **Luiz Vieira**

Cuia .....	253
Lua .....	254
Tropeiro .....	255

## **Luiza Nelma Fillus**

Vida saudável ..... 257

## **Marinice Biacchi**

Nostalgia ..... 259

A tarde ..... 260

Para Noah, meu netinho amado ..... 261

Tempo passado ..... 262

Caminhante ..... 263

Doces lembranças ..... 264

Minha cidade ..... 265

Menina sapeca ..... 266

Um brinde à vida ..... 268

O rodopiar do vento ..... 269

Namorados ..... 270

A casa ..... 271

## **Silvia Maria Svereda**

Abelha ..... 273

Cenário ..... 274

Bruma ..... 275

Lua ..... 276



# **Apresentação**

Iratienses, naturais ou de coração, uniram-se para externar suas memórias, compartilhar momentos inesquecíveis e levar aos leitores um pouco de suas lembranças.

Uma boa leitura,  
Orlando Luiz Azevedo



# Elenice Chudek Koppe

---

## A SAGA DE CINCO PROFESSORAS GUERREIRAS EM BUSCA DE UM DIPLOMA

### *Introdução*

Em 1973, como a prometida faculdade de Irati não tinha sido aprovada ainda, nós, cinco professoras sonhadoras, resolvemos lutar para buscar o diploma de curso superior, que nos garantiria um futuro melhor e mais promissor, junto à então Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava (FAFIG).

Citando em ordem alfabética, éramos: Elenice Chudek (eu, professora), Leopoldina Chudek (minha mãe, professora do Duque de Caxias), Naguia Galicioli (diretora do Grupo Escolar Francisco Vieira de Araújo), Maria José Gruber e Sueli Maria Bremen (ambas professoras, religiosas da Congregação de São Pedro Canísio), sendo que a irmã Sueli já é falecida.

Fizemos nossa inscrição para o vestibular e, em janeiro de 1974, fizemos as provas e todas fomos aprovadas — três de nós entre as primeiras colocadas de seus respectivos cursos! Iniciamos nossos estudos viajando numa Kombi que o Sr. Arlindo, um motorista de praça de Irati, comprou para essa finalidade. Além de nós cinco, viajavam também Pricila Marina Koch e Ivone Schäffer, que já estudavam em Guarapuava havia mais tempo.

Viajávamos quatro vezes por semana, saindo de Irati às 17h, pois as aulas começavam às 19h. À época, o trecho Irati-Relógio estava fechado para obras de asfaltamento. Íamos por Imbituva, cujo percurso era de 140 km. Quase duas horas para ir e outras duas para voltar. Chegávamos a Irati por volta de 1h da madrugada.

Como a inflação era alta na época e o preço da gasolina subia quase diariamente, nossas despesas eram muito altas, considerando que o Sr. Arlindo subia o preço das viagens pelo menos a cada quinze dias. Fizemos um semestre assim. Nas férias de julho, fizemos nossos cálculos e vimos que com o que gastávamos poderíamos comprar nosso próprio carro e dispensarmos os serviços do motorista.

Meu pai, José Chudek, e a irmã Maria José foram ao Bamerindus e negociaram o financiamento de um “fuque”. A irmã Maria José entrou como mutuária e meu pai, avalista. Beleza, tudo acertado, meu pai viajou de ônibus a Campo Largo (Irati não tinha revenda VW na época) e comprou um fuscão lindo, azul-safira, zero quilômetro, na Auto Santa Cecília. Fizemos um documento registrado em cartório com a declaração de que o fusca pertencia a nós cinco.

As aulas reiniciaram em agosto, e nós já viajavamos de fusca, dirigido pela irmã Maria José, que iria me ensinar a “dirigir na estrada”, pois, apesar de eu ter carteira de motorista, nunca tinha dirigido além do perímetro urbano de Irati.

Mas não deu tempo. Ela precisou faltar, e quem iria dirigir, se só nos duas sabíamos? Eu disse que não tinha medo de dirigir e as outras confiaram em mim. Minha primeira viagem foi num sábado, que tinha a vantagem de ir e voltar de dia. Tudo era manual na época, até para abrir o vidro. Tinha-se dificuldade de girar a maçaneta sem perder o alinhamento do carro. Mas tínhamos Deus sempre conosco: rezávamos um terço na ida, outro na volta, e cantávamos muitas canções religiosas, que a irmã Sueli “puxava”.

Vou parar aqui e escrever logo depois mais um capítulo! Senão não seria saga...

## ***Parte um***

Depois de minha viagem de estreia, ganhei a confiança de todas, de modo que fazíamos revezamento. A irmã Maria José dirigia na ida (dia) e eu na volta (noite). Ela não se sentia segura para dirigir à noite, e eu, na juventude de meus 18 anos, topava qualquer parada. As demais tinham mais responsabilidades além da faculdade: escola para administrar, casa, marido, filhos. Eu, apenas meu trabalho como professora e mais nada.

Em quase todas as viagens, furava um pneu. Afinal, tratava-se de um carro com cinco pessoas e 80 km de estrada de terra ou cascalho, contando ida e volta. Mas sabíamos fazer bem a troca, sempre em duas, pelo menos, já que a tarefa exige força. E sempre havia bons samaritanos que paravam e nos ajudavam. Isso numa época em que havia muita segurança.

Durante as férias escolares, o fuque ficava guardado numa garagem na casa do *nono*. Ninguém usava o automóvel para outra finalidade. Íamos, de tempos em tempos, ligar o motor, para não perdermos a bateria.

Lanchávamos dentro do carro mesmo. Cada uma carregava sua merenda. Mas havia os extras: a irmã Sueli volta e meia levava pés de moleque feitos com rapadura e nata, que ela mesma fazia. Deliciosos. Em tempos de morango, a Naguia levava uma tigela de morangos. Eu levava uma lata de creme de leite. Aí, pouco antes de Guarapuava, parávamos no acostamento, dividíamos as delícias em cambucas que a Naguia também levava e nos deliciávamos com os morangos frescos e saborosos de seu quintal! Eventualmente, também levávamos bolo de fubá ou outra coisa boa que minha mãe fazia.

Até aqui, tudo bem, nada de sustos ou medos. Sempre muita harmonia, rezas e cânticos entre nós. Nunca houve qualquer discussão, por mínima que fosse.

No próximo subtítulo, os perrengues por que passamos.

## *Parte dois*

Passamos alguns sustos, presenciamos acidentes, mas o mais grave aconteceu em 31 de agosto de 1974, envolvendo a Kombi que levava os alunos de Rebouças, mais a Pricila e a Dona Ivone, que iam sentido Irati, e um fusca vermelho, com cinco pessoas, que seguia rumo a Guarapuava.

Lembro muito desse dia! Na sala de aula, eu sentava próximo a uma janela que dava vista para a rua. A belíssima praça que existe hoje era apenas um terreno terraplenado, que usávamos como estacionamento. Vi quando a Kombi de Rebouças saiu às quatro da tarde. Por algum motivo, não tiveram a última aula. Nós ficamos até às cinco, horário normal.

Na volta, após percorrer uns 20 km, eu dirigindo (a Maria José não foi à aula), pouca prática, pouco conhecimento das sinalizações de outros motoristas, estavam dando sinal de luz, que nenhuma de nós sabia o que significava; faziam sinal de bloqueio de pista, porém não tínhamos noção do que indicavam. Achamos até que estávamos com problema no fusca, alguém sugeriu que parássemos para olhar se o carro não estava fumaçando. Carro novo!!! Paramos, rodeamos o veículo, olhamos os pneus e nada. Seguimos em frente. Tão logo chegamos à curva fechada que havia próximo ao posto da PRF – Polícia Rodoviária Federal, a tragédia. O fusca vermelho tinha se perdido na curva, derrapou, e bateu a lateral de frente com a Kombi. Três pessoas morreram na hora. Muito triste, nunca tinha presenciado um acidente! Ah, esqueci de dizer que chovia. Havia três corpos cobertos com lona preta na pista, todos passageiros do fusca. E, ainda, duas pessoas gravemente feridas estavam sendo atendidas, uma das quais faleceu no dia seguinte. Do fusca, só uma sobreviveu.

Da Kombi de Rebouças, o que teve mais ferimentos foi Argemiro de Paula, o Miroca, que sofreu múltiplas fraturas e acho

que levou uns seis meses para se recuperar. A Pricila também se feriu e a Dona Ivone teve fraturas. Dos demais, não lembro.

Depois de presenciar tudo isso, quando a estrada foi reaberta, seguimos rumo a Irati, com a incumbência de avisar as famílias das duas. Lembro que eu tremia muito, tinha dificuldade até para pisar na embreagem, de tão nervosa e assustada que fiquei. Ao chegarmos a Irati, já na entrada paramos para avisar o marido da Dona Ivone, Sr. Joel, que logo viajou a Guarapuava, pois a esposa estava internada. Quanto à Pricila, não lembro quem avisou a família. Mas foi um duro golpe.

Outro perrengue que passamos, este sem acidente, tampouco mortes, também foi num sábado, comigo dirigindo. Entrávamos em Imbituva por um acesso secundário (caminho mais curto para quem vinha de Guarapuava) e, quando nos aproximamos da entrada da BR-153, havia uma placa dizendo: “Estrada interdita. Motivo: queda de ponte”.

Ah, nesse dia também chovia muito! E agora, fazer o quê? Ir até Ponta Grossa, de lá até o Sprea e retornar à Irati? Não sabíamos o que fazer. Paramos numa bodega, onde havia uma meia dúzia de homens tomando cachaça, descemos e fomos pedir informação. O dono nos indicou um caminho alternativo, todo de terra (nem cascalho havia), prestamos bem atenção e fomos em frente. Rezávamos mais do que nos dias normais. Muita lama, muita chuva, o fusca parecia pular nos “muchões” deixados pelos caminhões.

Íamos um pouco e parávamos, como para pegar forças umas com as outras. Numa dessas paradas, um carro parou ao nosso lado e perguntou se sabíamos o caminho. Dissemos que possivelmente sim. Ele estava com um carro sedã, sozinho, e disse que o carro estava “rabeando” muito. Perguntou se duas do nosso carro não poderiam colaborar, indo com ele. Sem nenhum medo, minha mãe e a irmã Sueli passaram para o carro dele, sentando no banco de trás. Eu ia na frente, e ele me seguindo. Nossas rezas a todo vapor.

*Uma cidade será* sempre lembrada pela sua história escrita, e cada pessoa leva consigo suas memórias quando não tem a oportunidade de transmitir sua experiência de vida.

Pensando nisso, dezesseis autores resolveram partilhar suas alegrias, tristezas, aspirações e vivências nesta obra, construindo um retrato de sua cidade de infância e ilustrando o modo como ela chegou até os dias de hoje.

Pouco a pouco, como uma colcha de retalhos, as histórias foram se encaixando. Pedacos ganharam intensidade ao se juntarem a outros e trouxeram mais cor e beleza à peça, que foi crescendo até se tornar um livro.

